

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
— FEDERAÇÃO —

APRECIACÃO

Fôra ousadia de qualquer um "apresentar" Bocage. O estro maravilhoso do grande poeta português, que nasceu a 15 de Setembro de 1765 e desencarnou a 21 de Dezembro de 1805, é desses clarões que fulguram rubros acima de todo o horizonte: para que toda a gente os veja e admire.

Inquieto ou submisso, piedoso ou sarcástico, simples ou grandiloquo, inconsequente ou sentencioso — era o mesmo Bocage; era o jovem insatisfeito, que deixava a estrídula flauta de Pã caprípede por tanger a langorosa lira de Orfeu ou a maviosa cítara de Apolo; que tanto se arrojava aos pés da *"ninfa etérea, de púniceo manto"*, *"mãe dos Amores, das espumas filha, que o amor na concha azul passeia airosa"*, como se alcandorava ao regaço *"da imaculada Virgem sacrossanta"*, *"Virgem depois de mãe, mulher bendita"*; que, sem de todo desprezar a Calíope de Camões e a Erato de Anacreonte, preferia, no entanto, a Polímnia de Bernardim Ribeiro. E foi com a lira que viveu; que só a quebrou, para refazê-la depois, ao se desatarem os liames que lhe cativavam a ninfa do Espírito ao casulo terreno.

A maneira do cantor d'"Os Lusíadas", a quem desejou imitar, indo à colônia portuguesa do Extremo-Oriente, enaltecia o Olimpo e adorava o Céu. Ouçámo-lo cantar:

*"Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fêz, perdendo o Tejo,
Arrostar c'o sacrílego gigante.*

*Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.*

*Ludíbrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.*

*Modelo meu tu és... Mas, ó tristeza!
Se te imito nos transe da ventura,
Não te imito nos dons da Natureza."*

As Tágides o embeveciam, quanto estarecido se
quedava ante o portentoso da Via Láctea. Deleitava-lhe o
íntimo a ambrosia de Júpiter, como lhe ardia o vinagre
do inominável sacrifício do Calvário, lastimando estar
no meio daqueles que por seus erros ofendem ao Pai
e pelos quais o Cordeiro se deixava imolar:

*"O filho do Grão-Rei, que a monarquia
Tem lá nos céus, e que de Si procede,
Hoje, mudo e submisso, à fúria cede
De um povo, que foi seu, que à morte O guia.*

*De trevas, de pavor se veste o dia,
Inchado, o mar o seu limite excede,
Convulsa, a terra por mil bocas pede
Vingança de tão nova tirania.*

*Sacrilégio mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lúgubre aparato?!
Tu julgas teu juiz! Teu Deus condenas!*

*Ah! castigai, Senhor, o mundo ingrato;
Caíam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas,
Também eu morra, que também vos mato."*

Era Manuel Maria de Barbosa du Bocage um romântico por natureza; e na poesia, que lhe era a vida mesma, um lírico, indole esta que se lhe adivinhava já aos oito anos de idade! Em Setúbal nascera, numa época de transição literária, na qual a literatura de Portugal emergia do marasmo do pseudo-classicismo, ainda dominante no mesmo século XVIII, para o doce período do Romantismo. Desviando-se dos moldes clássicos, demasiado rígidos, Bocage pendeu para a escola que seria a do inolvidável Antônimo Feliciano de Castilho: era a luva que se lhe ajustava, por independer de regras convencionais e por visar o efeito da expressão; era a imaginação e a sensibilidade sobrepondo-se à razão; era o individualismo, que não implicava, entretanto, qualquer óbice à expansão do gênio individual; era o desafogo dos sentimentos íntimos, revelados através da poesia lírica; era o instrumento que se oferecia ao poeta, vindo novamente ao planeta em época própria; era a expressão mesma do exuberante Espírito, ávido de desabafo em hinos à Natureza: e, com efeito, embora seu forte fôsse o soneto, compôs vários gêneros da poesia, entre os quais odes satíricas e anacreônticas. Recordava talvez, assim, o poeta a Arcádia antiga, ou, ainda, aquele país imaginário de puro bucolismo, de pastores fiéis ao amor; e quem sabe não fôra Bocage um deles?

Insatisfeito, como sempre, não lhe agradou o estilo da famosa "Arcádia de Lisboa", sucessora das pitorescas escolas que reinavam desde o século XII e que viveu de 1757 a 1774. Em divergência com Francisco Manuel do Nascimento, conhecido por "Filinto Elisio", que compunha odes segundo o modelo do clássico Horácio, fundou o "Elmanismo", o grupo dos admiradores de "Elmano", adotado na Nova Arcádia. Era seu pseudônimo "Elmano Sadino", sendo "Elmano" o anagrama de Manuel e "Sadino" por ter o vate nascido às margens do rio Sado.

Temperamento irrequieto, defrontou-se, no mundo, com os distúrbios que ele mesmo propiciava. Sedento de paisagens, por mais íntimo contacto com a Natureza, viajou, por profissão espontaneamente eleita, até longes terras, e mais além pretendia se não fôra motivo de força maior.

O espírito de liberdade o não deixava repousar, e assim vibra:

*"Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!), porque não raia
Já na esfera de Lísia a tua aurora?"*

*Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e trêmulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!*

*Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Oculta o pátrio amor, torce a verdade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.*

*Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,
Mãe do gênio e prazer, ó Liberdade!"*

A deplorável mentalidade da época mereceu, diversas vezes, a candente reprovação por parte do genial satírico, e Bocage "*chibava*" de rijo, sem peias nem rebugos, "*na súcia dos tafuís*". Aumentava destarte sua própria angústia, que lhe nasceu desde que ficara órfão de mãe aos dez anos de idade. Essa índole bulhosa lhe custou amargos dias, sobretudo naquele período de vero despotismo, assim governamental, como religioso; perseguido, em consequência de linguagem deservolta, entregaram-no as autoridades civis ao "Santo Offício", a pretexto de ofensas à Fé. Preferível lhe foi, por sem dúvida, o enclausuramento nos cárceres daquele tribunal, donde foi removido para um mosteiro e depois para o Hospício de N. S. das Necessidades; as autoridades eclesiásticas o trataram, porém, com brandura e com a consideração que lhes merecia o talento do ilustre prisioneiro.

Não quero crer que os maus versos de Bocage, isto é, aqueles em que estrugia a "*vil matéria lânguida*" em rasgos de sangue moço, fôsem a revelação de caráter inferior. Todas as paixões, com as quais se lhe procure denegrir a memória, são frutos da mesma árvore, são contingências desse misto de luz e de treva, desse milagre — divino privilégio! — de sol e caligem coexistentes em tão minúsculo âmbito do cárcere carnal e que se chama criatura humana. Tudo, ao contrário, revelava, no poeta, ascensão; tudo lhe estuava de vida intensa. Poderíamos dizer, por paradoxo, que o matara, não a minguagem de energia, mas o excesso de vida; que cerrara os olhos à plethora de luz; que, à força de atropelar o trabalho de

Insatisfeito, como sempre, não lhe agradou o estilo da famosa "Arcádia de Lisboa", sucessora das pitorescas escolas que reinavam desde o século XII e que viveu de 1757 a 1774. Em divergência com Francisco Manuel do Nascimento, conhecido por "Filinto Elisio", que compunha odes segundo o modelo do clássico Horácio, fundou o "Elmanismo", o grupo dos admiradores de "Elmano", adotado na Nova Arcádia. Era seu pseudônimo "Elmano Sadino", sendo "Elmano" o anagrama de Manuel e "Sadino" por ter o vate nascido às margens do rio Sado.

Temperamento irrequieto, defrontou-se, no mundo, com os distúrbios que ele mesmo propiciava. Sedento de paisagens, por mais íntimo contacto com a Natureza, viajou, por profissão espontaneamente eleita, até longes terras, e mais além pretendia se não fôra motivo de força maior.

O espírito de liberdade o não deixava repousar, e assim vibra:

*"Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!), porque não raia
Já na esfera de Lísia a tua aurora?"*

*Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e trêmulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!*

*Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Oculta o pátrio amor, torce a verdade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.*

*Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,
Mãe do gênio e prazer, ó Liberdade!"*

A deplorável mentalidade da época mereceu, diversas vezes, a candente reprovação por parte do genial satírico, e Bocage "*chibava*" de rijo, sem peias nem rebugos, "*na súcia dos tafáis*". Aumentava destarte sua própria angústia, que lhe nasceu desde que ficara órfão de mãe aos dez anos de idade. Essa índole bulhosa lhe custou amargos dias, sobretudo naquele período de vero despotismo, assim governamental, como religioso; perseguido, em consequência de linguagem desenvolta, entregaram-no as autoridades civis ao "Santo Offício", a pretexto de ofensas à Fé. Preferível lhe foi, por sem dúvida, o enclausuramento nos cárceres daquele tribunal, donde foi removido para um mosteiro e depois para o Hospício de N. S. das Necessidades; as autoridades eclesiásticas o trataram, porém, com brandura e com a consideração que lhes merecia o talento do ilustre prisioneiro.

Não quero crer que os maus versos de Bocage, isto é, aqueles em que estrugiu a "*vil matéria lânguida*" em rasgos de sangue moço, fôsem a revelação de caráter inferior. Todas as paixões, com as quais se lhe procure denegrir a memória, são frutos da mesma árvore, são contingências desse misto de luz e de treva, desse milagre — divino privilégio! — de sol e caligem coexistentes em tão minúsculo âmbito do cárcere carnal e que se chama criatura humana. Tudo, ao contrário, revelava, no poeta, ascensão; tudo lhe estuava de vida intensa. Poderíamos dizer, por paradoxo, que o matara, não a minguagem de energia, mas o excesso de vida; que cerrara os olhos à plethora de luz; que, à força de atropelar o trabalho de

Cloto e de Láquesis, decidira Átropos escindir-lhe, duma vez, o fio mal tecido.

Cite-se, ainda, sua adesão, uns dois anos antes de partir para o "*refulgente empireo*", ao chamado "Grupo dos Filósofos", que com o "Grupo dos Fidalgos" e o "Grupo dos Brejeiros" formava espécie de academia no convento de São Vicente. Por que sua preferência pelo "Grupo dos Filósofos"? Por lhe parecer mais sincero nos propósitos: ao segundo mencionado pertenciam nobres enfatuados e vazios, com os quais a elevação de espírito do poeta absolutamente não se poderia coadunar; ao terceiro muito menos pudera dar apoio, pois nesse *impe-ravam* deidades muito diversas das musas.

Eis o Bocage, a quem o "*das Gorgonas, das Fúrias negro bando*" pretende lançar a pecha de "*ser odiôso, além de desgraçado*". Mas diz o forte bardo:

*"Não me consterna o ver-me trespassado
Com mil golpes cruéis da desventura,
Porque bem sei que a frágil criatura
Raramente é feliz no mundo errado."*

Essa "desventura" não se resume só na sua existência farta de tribulações; deve entender-se também como o infame golpe de "*buídos punhais*", que brandem não os "*três vis algozes*" de Inês de Castro, senão "*a sussurrante, a vil Maledicência*", a "*Inveja pestilente*", que "*sobre o néctar, que a ventura por mãos de neve*" oferecera ao poeta, cuspiu, e ainda cospe "*lívidas gotas de infernal peçonha*".

Que sejam de Elmano verdadeiros os estouvamentos de que lhe havemos notícia: não seriam esses desvios um derivativo patente, como que espezinhamento da matéria,

contra a qual o ardente Espírito se rebelava? Esgota a amarga taça da mocidade e, com essa, a si mesmo. Reconhece, porém, a inutilidade dessa luta feroz entre Espírito e matéria, pelas armas desta. Verifica, e não só em extrema hora, que os meios de vitória do homem não são os materiais, senão os espirituais. Vêmo-lo lançar aos ombros do homem a responsabilidade integral dos seus atos e o traçado do seu destino:

*"Vós, crédulos mortais, alucinados
De sonhos, de quimeras, de aparências,
Colheis por uso erradas consequências
Dos acontecimentos desastrosos."*

*Se à perdição correis precipitados
Por cegas, por fogosas impaciências,
Indo a cair, gritais que são violências
De inexoráveis céus, de negros fados."*

*Se um celeste poder tirano, e duro,
Às vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, ó Razão, teu lume puro?"*

*Não forcem corações as divindades;
Fado amigo não há, nem fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades."*

El ainda afirma:

*".....
Um Deus adoro, a Eternidade temo,
Conheço que há vontade, e não destino."*

Tais palavras desmentem o errôneo juízo que as autoridades formavam do "ímpio, cruel, sacrílego, blasfemo", pois bem queriam vê-lo consumido em "língua voraz de labareda ardente", naquele

*"Bárbaro tempo! Abominosa idade,
As outras eras pelos Fados presa
Para labéu e horror da Humanidade!
Flagelos da virtude e da grandeza,
Réus do infame e sacrílego atentado
De que treme a Razão, e a Natureza!"*

Diga-se, em consciência, se era "ímpio" quem assim raciocina:

*"Qual novo Orestes entre as Fúrias brada,
Infeliz, que não crês no Onipotente;
Com sistema sacrílego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada.*

*Tua bárbara voz iguala ao nada
O que em todas as coisas tens presente;
Basta que o sábio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus do raio armada.*

*Mas vê, blasfemo ateu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião, que cego expressas,
A si mesma se está contradizendo:*

*Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Acaso autor fazendo,
No Acaso, a teu pesar, um Deus confessas!"*

E seja-nos permitido acrescentar, do mesmo bardo:

*"Salve, princípio d'alma, etéreo lume!
Se um Deus não fôra, que seria Elmano!
Existe o vate, porque existe o nume."*

Proclame-se "blasfemo" o cantor, que por todos os mortais — e entre esses os seus detratores, exora:

*"Eterno Deus! Não longe de teus lares
Tépida nuvem de maldito incenso,
Dado ao negro Satã, perturba os ares.
Que tolerância tens, monarca imenso!
Por mais crimes, senhor, que o mundo faça,
Tudo releva teu amor intenso.
Desce, ah! desce dos céus, potente graça,
Difunde a santa luz, a santa crença
Pelos cegos mortais, que o erro enlaça!"*

Tais versos, tão miríficos quão surpreendentes — pois da autoria de alguém a quem se atribuem vilesas —, bem poderiam figurar na presente dúzia, ora brindada através do lápis do excelente Francisco Cândido Xavier; entretanto, forjou-os o Espírito ainda enclausurado.

Contra os "sacrílegos", que o perseguiram por sectarismo, cabe o anátema, por desfigurarem a Imagem Sagrada:

*"Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céus, a eternidade;
Que difunde anual fertilidade,
E aplana as altas serras do oceano:*

*Um nune só terrível ao tirano,
Não é triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a Humanidade,
Eis o Deus da razão, o Deus d'Elmano:*

*Um déspota de enorme fortaleza,
Pronto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza:*

*Um criador funesto à criatura;
Eis o Deus, que horroriza a Natureza,
O Deus do fanatismo, ou da impostura.*

Aludindo à profecia de Isaías: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emmanuel" (Isaías, cap. VII, v. 14), estendida no cap. XI, que, por ser longo, aqui não podemos transcrever, tem o poeta o seguinte surto:

*"Queimando o véu dos séculos futuros,
O vate, aceso em divinais luzeiros,
Assim cantou (e aos ecos pregoeiros
Exultaram, Sion, teus sacros muros):*

*"O justo descerá dos astros puros
"Em deleitosos, cândidos chuveiros,
"As feras dormirão com os cordeiros,
"Soarão doce mel carvalhos duros;*

*"A Virgem será mãe, vós dareis flores,
"Brenhas intonsas, em remotos dias,
"Porás fim, torva guerra, a teus horrores."*

*Não, não sonhou o altissono Isaías;
O' reis, ajoelhai; correi, pastores!
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!"*

Em comentário aos dois mundos — o daqui e o d'além — encontramos estes versos magistrais dum mesmo soneto, em que o vate lamenta a partida duma das irmãs para a pátria espiritual:

".....

*O que é do céu ao céu restituiste,
Restituiste ao nada o que é do nada.*

.....

*E' cativoiro para o justo a vida,
A morte para o justo é recompensa."*

Ideias estas pura e lidimamente cristãs — na ampla acepção do termo — poderiam também haver sido agora ditas pelo poeta já liberto no espaço; versos que se enquadram na genuína escola da poesia lírica, que tanto apreciava a repetição de palavras, como a que notamos nos transcritos.

Bocage, um "ateu", que consagrou a Deus quatro ou cinco sonetos e ao Cristo três; que à Virgem dedicou um, além de quatro cantos, dois dos quais compostos para solenizar a festividade de 8 de Dezembro!

E agora pasma, leitor, com esta revelação da lei do "Carma":

*"Nas páginas fatais é tudo eterno!
O que se escreve ali jamais se risca."*

Eram, outrossim, do estilo o contraste e o confronto: a este respeito, os sonetos pela primeira vez hoje divulgados são também exemplo vivo. Recordemos o seguinte, que todo escolar sabe de cor:

*"Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça.*

*Aquele canta e ri; não se embarça
Com essas coisas vãs que o mundo adora;
Este (ó cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.*

*Aquele dorme em paz no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado.*

*Triste, sai do palácio majestoso;
Se hás-de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes ser camponês e venturoso!"*

*
* *

Não sei se fôra justo, do ponto de vista em que nos colocamos, um paralelo entre Bocage e o protagonista Jorge, de "A Viuvinha", de José de Alencar. Bem creio que, como o estróina rapaz, cuja alma se conservara alheia à agitação da matéria e isenta do lodo onde se afundaram os bens herdados, o Espírito do poeta, va-

gando por altíssimas regiões, nestas permanente morada havia, longe do vício que lhe era estranho.

Houve quem julgasse Bocage "um fruto da sua época": seria uma justificação do estranho proceder do rapaz, mas afirmativa sedição, que se repete sem reflexão. Comentando esse juízo, outro crítico não perdoa ao melodista lusitano as inegáveis fraquezas, alegando que nem todos os coevos de Bocage se permitiram arrastamento pelas correntes daquele tormentoso trecho da vida portuguesa. Outro assevera que Elmano "veio ao mundo fora do seu tempo": que difícil que é a vida!

Para mim, o problema está mal posto. Dizer que alguém seja "fruto da sua época" é, de certo modo, negar-lhe individualidade, o que é patentemente falso; cada um de nós tem uma personalidade, pela qual se distingue dos demais homens e pela qual é responsável no âmbito coletivo: isto, em primeiro lugar. Frutos duma época seriam milhões de criaturas, que, entretanto, se diferenciam tanto quanto (para seguir a mesma imagem) se formassem em épocas distintas; e, para demonstrá-lo aos que assim raciocinam, basta alçar os olhos àquela outra afirmativa, tão generalizada: "era um homem *fora* da sua época". Em segundo lugar, a própria asserção do segundo crítico, a que aludimos, desmente este conceito; buscando aviltar o grande vate, observa que outros homens procederam, na mesma época, de modo bem diverso e, ao seu ver, bem mais digno.

As criaturas animadas não são "frutos do seu tempo", quais frutos da mesma árvore. A estes não lhes cabe a culpa de ser amargos, nem a glória de ser doces; a estes não poderiam ser comparadas aquelas, que têm uma consciência; se assim fôra, adeus, responsabilidade, mérito e demérito! Observadores que tais

vêm de esconso o complexo problema humano; como fonte das faculdades anímicas enxergam tão somente a matéria, aquela que receberia, de pronto, as influências do meio e que agiria a seguir, de moto próprio.

Não se pode, por evidente, negar a influência do meio sobre o indivíduo, como não se pode deixar de reconhecer a do corpo físico sobre o Espírito; mas daí afirmar que alguém seja "fruto da sua época", o que vale dizer "do seu meio", vai infinita distância. A não ser um Cristo, ao que saibamos, todos os Espíritos, que aportem às plagas terrenas, hão-de sofrer das injunções do ambiente-espaco e do ambiente-tempo; a matéria, de que ainda se acham revestidos — abstração feita mesmo do material mais grosseiro e palpável — há-de ter sombra, de receber sombra, de projetar sombra, até que fuja a essa condição alcançando a radiosidade do Mestre, que em torno de si, por maravilha, só despede luz e em cujo diáfano corpo não encontram guarida as sombras dos mortais.

O problema, dissemos, está mal posto. Desejam, os que menos do que os espiritualistas atingimos, afirmar uma verdade maior do que supõem. E' fato que, por inferiores que somos — uns mais abaixo, outros mais acima —, tem a época, em que reiniciamos o ciclo da vida, influência, maior ou menor, sobre o nosso Espírito. Os menos evoluídos serão, necessariamente, os mais tocados pelo meio, o qual tem, por natureza, mais de material do que de espiritual; os golpes lhes ferem a pele de mais rijo e a reação lhes é proporcionalmente mais intensa. Tendo material menos delicado, sentem-se atingidos com extrema violência, por oferecer tanto maior resistência: lembra-nos aqui a fábula do carvalho e do caniço; e ainda aqui nos vêm à mente as palavras,

sempre judiciosas, do Mestre, sobre a não-resistência aos maus.

Ocupando nosso planeta uma ordem relativamente inferior, é, pois, natural que seus habitantes, em grande maioria, sofram, de modo mais profundo, os embates desagradáveis de tal círculo. Os próprios Espíritos elevados, que se dignam baixar entre nós, sejam os que encarnam, sejam os que fortuitamente nos procuram para dar conselhos ou que a nós se afeiçoam para guiar-nos, padecem da pestilência em que nos debatemos; é-lhes enorme sacrifício o contacto conosco, da mesma sorte que verdadeira caridade é a preciosa abnegação de médicos e enfermeiros em colônia de leprosos: nunca seremos demasiado gratos a uns e outros desses missionários.

O que não vêem os materialistas, nem mesmo os que não admitem o princípio da reencarnação, é que o Espírito encarna em *época própria*, para nela encontrar as condições que deve preencher para seu progresso e para o avanço da coletividade, restrita ou planetária, a que é destinado. E' inconsequente o espiritualista que, admitindo a alma, pretende seja esta criada no momento em que deva receber um corpo material, responsabilizando-a, a seguir, por atos que a condenarão por todo o sempre ou que lhe trarão louros de vitória a ser usufruída em algum hipotético Nirvana.

Se, pois, descemos em determinada época e em lugar fixado, então e aí devemos cumprir um destino, de acordo com o plano dos nossos Maiores, que opinam ser a nossa tarefa útil, não só a nós mesmos, como a todos com quem passemos a conviver. Não seremos, assim, — é claro — "frutos da época", mas deparemos com uma época, em que possamos desenvolver as capacida-

des adquiridas e receber outras, utilizando umas e outras na medida de nossas posses e consoante nossa vontade.

Essa liberdade de ação é um dos mais fulgurantes traços do plano do Altíssimo, e por ela ninguém é forçado a seguir este ou aquele rumo, principalmente na esfera moral. No campo científico é compreensível que os estudiosos estejam ligados às teorias dominantes; ainda assim, os de maior visão lançam novas concepções, combatidas, muitas vezes, pelos rotineiros. Sobre questões filosóficas semelhantes considerações se podem expender; mas, é força convir, o mesmo não se dará na esfera moral.

A moral nada tem com a ciência, nem com a filosofia: ao homem impoluto não lhe enodoam a roupa branca os salpicos da vasa mundana. A ciência adquire-se, como a filosofia se aceita; a moral, porém, é parte essencial do Espírito, e este só se inclinará para o mal por virtude de sua própria imperfeição; isto é, seus atos são filhos do próprio mal que nele reside: não são "filhos do seu tempo", senão desse outro Saturno que demora na alma e que se chama o "homem velho".

Bocage, como todas as criaturas humanas, viveu na sua época própria; deixou-lhe traço indelével duma pena *sui generis*; formou estilo, imprimiu personalidade a um tempo em que a literatura atravessava fase indecisa; suas ideias trouxe-as ele consigo, para firmá-las no ambiente que devera, naquela hora, receber mais largos horizontes; moldou o que era informe e pôs-lhe rutilante sinete, que jamais se extinguirá, nem mesmo perderá de brilho.

Hoje, na ilustre escola do Espaço, banhado na alvinhenta luz de tão sábia companhia, pôde eleger o rumo

que lhe convinha e tirar do embate dos sentimentos que o dominavam — bons e maus — aqueles que realmente o impeliavam para o Alto nas asas do seu Pégaso. Instruiu-se e hoje nos ensina; e, por não perder a fibra, concede-nos admoestações, inspiradas, agora, pela Divina Musa da Redenção.

*
*
*

Vejamos, porém, leitor, o reverso da medalha, no tocante à apreciação do gênio que estudamos.

Não somente "*crepus de serpes, horrída Maldade*" investe contra o grandioso vate que, ostentando "*rico diadema de radioso esmalte*", "*colheu no Olimpo o antidoto da morte*". Ainda naquela época procelosa, em que se debatia o pensamento nas garras — já bem aparadas — duma congregação de abutres, é-nos grato ler o relatório do censor João Guilherme Cristiano Müller, membro do Desembargo do Paço e deputado da Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros:

"No manuscrito que Vossa Majestade me mandou ver pela portaria retro, apresenta o seu preñado autor novas produções do seu raro talento que lhe asseguram um lugar distinto entre os vates insignes lusitanos, aos quais ainda a posteridade fará justiça.

"Poesias temas que penetram o coração, e onde, de vez em quando, luzem vislumbres de esclarecida filosofia, cativando a participação dos espíritos mais meditativos do que sentimentais, fábulas graciosas, que ensinam a prática das virtudes as mais benéficas e promovem a intuição de verdades nunca assaz ponderadas, misturadas com traduções que patenteiam tanta familiariedade do seu autor com as belezas das línguas dos originais,

como também o seu acesso no santuário dos mais recônditos tesouros do idioma vernáculo, e com epístolas, odes e épicos altissonantes, nos quais desenvolve toda a força de um gênio culto e transcendente, unido intimamente com uma fantasia inesgotável poética: numa palavra, tudo quanto pode servir de documento de um gosto eminentemente para os mais admiráveis produtos de todos os tempos e de todas as regiões do nosso mundo, de mão dada com a singular destriedade de o transplantar sobre o pátrio chão, enquanto neste se cultivam com igual diligência e feliz sucesso os seus próprios: de tudo isto é a presente coleção um elegante florilégio. Bem pena é ser inevitável que se mostrasse em muitos lugares a influência da atmosfera tísica, carregada e penosa, debaixo da qual o autor plantou grande parte deste rico jardim. Felizmente, porém, se percebe mais o efeito lamentável disto sobre a mente afilada do poeta, que sobre as flores e frutos encantadores das vergôntes que regou com os eflúvios de seu pranto, em cujo afago a sua musa sempre conserva menos o caráter de ministra de inumanas e indecorosas paixões, do que ditames da razão, moralidade e mimosa discrição, pronta a sacrificar tudo o que pode tentar a fraqueza humana a pecar contra respeitáveis leis, boa ordem social e tranquilidade civil e doméstica. Eis aqui as observações que resultaram do exame deste manuscrito, e sobre as quais se escora o meu parecer, que haverá poucos tão dignos da faculdade que o suplicante solicita. Vossa Majestade, porém, ordenará o que fôr servida.

JOÃO GUILHERME CRISTIANO MÜLLER." (*)

No "Dicionário de Rimas Luso-Brasileiro", de Eugênio de Castilho, "correto, aumentado e precedido de um prefácio e de um compêndio de versificação pelo Visconde de Castilho", encontramos a seguinte afirmação, que bastaria para encerrar esta breve apreciação:

(*) Apud Gomes Monteiro: "Bocage, esse desconhecido..."

O soneto português, podemos dizer sem exageração, nasceu com Bocage, e com Bocage morreu.

Vamos, porém, dar a palavra ao nosso imortal Olavo Bilac, em elogio ao sublime árcade:

"Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage e depois dele decaiu. Da sua geração, e das que a precederam, foi ele o máximo cinzelador da métrica. A plástica da língua e do metro; a perícia ao ensanhar das orações e no escandir dos versos; a riqueza e graça do vocabulário; o jogo sábio e, às vezes, inesperado das vogais e das consoantes dentro da harmonia da frase; a variação maravilhosa da cadência; a sobriedade das figuras; a precisão e o colorido dos epítetos; todos estes difíceis e complicados segredos da arte poética, cuja beleza e variedade às vezes escapam até aos mais cultos amadores da poesia e aos mais argutos críticos literários, e que somente os iniciados podem ver, compreender e avaliar; esta consciência, este gosto, esta medida, este dom de adivinhação e de tacto, de que os artistas natos têm o privilégio, — tudo isto coube a Elmano, tudo isto se entreteceu no seu talento. Depois dele, Portugal teve talvez poetas mais fortes, de surto mais alto, de mais fecunda imaginação. Mas nenhum o excedeu nem o igualou no brilho da expressão."

Melhor o louve o mesmo príncipe da poesia brasileira, não em linhas corridas, como acima, senão em belíssimo soneto, homenagem digna dum poeta a outro poeta. Ainda mais admiremos Bocage através dessa admiração de quem, por autoridade incontestada, podia avaliar quanto merece talento de tal porte.

E agradeçamos a Deus o mimo que hoje nos oferece o Espírito do bardo lusitano — essas flores de luz, em que se transmudaram as pérolas que colhia do fundo do agual:

"A BOCAGE

*Tu, que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ansioso e descontente,
E, quando à tona vinhas de repente,
Cheias as mãos de pérolas trazias;*

*Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de límpida nascente,
Dos lábios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lágrimas vertias;*

*Mestre querido! viverás, enquanto
Houver quem pulse o mágico instrumento
E preze a língua que prezavas tanto;*

*E enquanto houver num canto do Universo
Quem ame e sofra, e amor e sofrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso."*

E, para encerrar esta Apreciação, apliquemos ao genial Elmano seus próprios conceitos a um amigo que se fôra da Terra:

*"Neste dia, em que o véu mortal despiste,
Dias eternos te confere a Sorte.
Se longe do universo errado, e triste,
Triunfa teu espírito fulgente,
Imortal entre nós teu nome existe."*

— /// —

ESCLARECIMENTO

Os sonetos, que constituem motivo e tema deste opúsculo, foram comunicados, conforme dissemos na "Apreciação", pelo Espírito de Bocage através do incomparável lápis do conhecido médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais.

Começaram estas luminosas mensagens em a noite de 25 de Novembro de 1946, com o seguinte aviso do Guia dos trabalhos: "Agora façam concentração, porque vamos receber uma lembrança dum Espírito que há mais de cem anos não se comunica com a Terra". Isto foi em sessão pública, no Grupo Espírita "Luiz Gonzaga". Aquele pedido de concentração justifica-se pelo fato de que o médium trabalhava enquanto nosso prezado confrade Ismael Gomes Braga, a quem o Guia Emmanuel incumbira de presidir a sessão, explanava trechos do "Evangelho segundo o Espiritismo", de Kardec.

Foi então recebido o primeiro soneto desta série de doze; em noites consecutivas Bocage, em Espírito, ditou as outras produções, sendo quatro em sessão pública e as demais em círculo reduzido.

Iniciada a 25 de Novembro, a série terminou a 6 de Dezembro, não durando a escrita de cada soneto mais de três minutos, isto depois de trabalhos estafantes. Observemos, por especial, que todos os sonetos trazem a assinatura do poeta, senão perfeita, pelo menos tão próxima quanto possível, mas sem sombra de dúvida sobre o seu verdadeiro autor. (*)

Após o primeiro soneto comunicou o Guia que o poeta voltaria ainda nove vezes para o mesmo fim. Ao

(*) Assinou-os todos: Mel. M. de Barbosa du Bocage.

nosso irmão Ismael Braga o médium entregou essa primeira composição com as palavras: "Bocage manda entregar-lhe como lembrança". Aquele nosso confrade pede, porém, que o número de tais mensagens seja elevado para doze, por ser este o número místico do Cristianismo. Responde o poeta que tem permissão somente para dez descidas à Terra; que, no entanto, poderia solicitar a alteração desse plano, informando oportunamente sobre esse pedido. Dois dias mais tarde informou que aquele confrade fôra atendido e que pretendia escrever o último soneto a respeito de DEUS: esta promessa foi cumprida, conforme se lê no Soneto XII.

Não sei por quê, Ismael Braga, com um nome consagrado e querido por todos os títulos, não quis apresentar a público estas jóias do magnífico Elmano; faço-o eu, também não sei bem por quê. O fato é que não podiam tais preciosidades permanecer na sombra dum escrínio, como não se mantém a luz debaixo do alqueire.

Não são estes sonetos do Além meras palavras soltas ao vento, puros devaneios de poeta que sonha, ou de cantor, cuja alma flamejante extravaga em arroubos de encantamento. Constituem, ao contrário, matéria substancial, desenvolvida segundo um plano sábio: essa matéria é a própria Doutrina Espírita, e esse plano é o quadro vivo da Natureza, no que tange à criatura humana.

O que ora nos deixou o ilustre príncipe da métrica não foram simples rimas, para férias dos nossos Espíritos; deleita-nos, mas faz-nos meditar; conduz-nos a refletir, mas sem a fadiga de severa filosofia.

Tudo o que é belo nos enleva; e se a poesia tem a precípua faculdade de nos transportar acima do terra-a-terra, os presentes versos do magistral vate nos

impelem à região do Incognoscível. Acompanhem-lo, pois, em atitude de prece, como convém a quem se exalte do reino mísero da Sombra ao país da eterna Luz.

*
*
*

Para melhor apreensão do conceito emitido em cada soneto, desenvolvê-lo-emos em prosa, logo a seguir. Termos menos vulgares, quais os de entidades mitológicas e outros, tão do gosto do poeta, quando entre nós, terão seu significado num "Glossário", no fim da obra; esses termos representam mais um testemunho da autoria dos versos ora publicados, se não bastara o estilo inconfundível do patricio de Camões.

O conjunto forma verdadeiro "curso de Espiritismo", que, pela forma aqui oferecida, aprendemos muito mais facilmente, pois é sabido que o verso se guarda na memória muito melhor do que a prosa.

Verá, efetivamente, o leitor tratados os "pontos altos" da Doutrina Espírita — que digo eu? — dos ensinamentos do Mestre entre os mestres, a saber: a submissão à dor, contra a qual o homem terrestre se revoltou e ainda se rebela; o combate aos vícios de toda sorte: concupiscência, vaidade, orgulho, que nos afastam da espiritualidade; a sobrevivência do Espírito e sua possibilidade de comunicar-se conosco; o destino da alma e o do corpo; a aplicação da inteligência somente para o bem; o triunfo sobre a morte e sobre o próprio horror que esta em geral infunde ao homem, pela prática das virtudes; o prêmio aos vencedores, que seguiram os sagrados mandamentos do Eleito Missionário.

Não lhe esquece fazer sublime rogativa à Imácua Filha do Eterno, louvando-a por ter-lhe estendido os bra-

ços em doloroso transe. Deste modo o poeta nos conduz a um dos pontos máximos do Cristianismo: o reconhecimento de benefícios, o qual, quando dirigido aos nossos Maiores, nada mais é do que uma das modalidades da *prece*; ensina-nos, pois, a necessidade da prece para cumprimento das instruções cristãs.

E termina com admirável hino ao Criador, em um gesto de grandiloqua humildade: na impossibilidade de louvar tão majestoso Ser, por deficiência de expressão, brada, contrito e empolgado: "Glorifique-Te o amor com que nos amas"!

Tal grito d'alma — não há duvidar — é dum Espírito quintessenciado, desse mesmo, agora mais evoluído, que da Terra dirigiu ao Onipotente a seguinte súplica:

*"O' Deus, ó rei do céu, do amor, da terra,
(Pois só me restam lágrimas, clamores)
Suspende os teus horrißonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo aterra!"*

*Nos subterrâneos cárceres encerra
Os procelosos monstros berradores,
Que, enchendo os ares de infernais vapores,
Parece que entre si travaram guerra.*

*Para nós compassivo os olhos lança,
Perdoa ao fraco lenho, atende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!*

*Às densas trevas despedaça o manto,
Faze, em sinal de próxima bonança,
Brilhar no etéreo tope o lume santo!*

E o Eterno o atendeu.

Soneto I

25-11-1946

*Vive o homem no mundo sorte dura,
Por estranho caminho arremessado,
Fero titã cativo a negro fado,
Do berço morno à fria sepultura.*

*Triste filho dos céus, de alma perjura,
Desprezível Adão acorrentado
Ao desterro de sombras do passado,
Respira o lodo e chora a desventura!*

*Ao vão orgulho — a esse deus imigo,
Altars vãos erige, por vaidade,
Que, na treva, o mantém revel mendigo!*

*Por mais altos pregões a fé lhe brade,
Traz, desditoso, o cárcere consigo,
Atado à Morte em plena Eternidade.*

Ensina que o homem é um anjo decaído, em consequência do mau uso que fez de seu livre arbítrio: tem-se, deste modo, a figura do "pecado original". Seu passado de culpas arremessou a criatura num mundo